

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS - PORTUGUÊS/LITERATURAS

Jaqueline Oliveira Ludtke

“INHAÍ, MONA, TÁ PASSADA?” - O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DO
VOCABULÁRIO BAJUBÁ POR MEIO DE *TWEETS*

Santa Maria, RS

2023

Jaqueline Oliveira Ludtke

**“INHAÍ, MONA, TÁ PASSADA?” - O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DO
VOCABULÁRIO BAJUBÁ POR MEIO DE *TWEETS***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras Português
Licenciatura, da Universidade Federal de
Santa Maria (UFSM, RS), como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciada
em Letras Português.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Verli Fatima Petri da Silveira

Santa Maria, RS

2023

Jaqueline Oliveira Ludtke

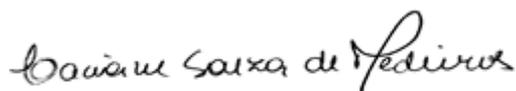
**“INHAÍ, MONA, TÁ PASSADA?” - O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DO
VOCABULÁRIO BAJUBÁ POR MEIO DE TWEETS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras Português
Licenciatura, da Universidade Federal de
Santa Maria (UFSM, RS), como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciada
em Letras Português.

Aprovada em 14 de dezembro de 2023:



Verli Fatima Petri da Silveira, Doutora (UFSM)
(Presidente/Orientadora)



Caciane Souza de Medeiros, Doutora (UFSM)

Santa Maria, RS

2023

RESUMO

“INHAÍ, MONA, TÁ PASSADA?” - O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DO VOCABULÁRIO BAJUBÁ POR MEIO DE *TWEETS*

AUTORA: Jaqueline Oliveira Ludtke

ORIENTADORA: Verli Fatima Petri da Silveira

O presente estudo propõe uma análise de *tweets* (postagens da rede social Twitter) nas quais há a presença do vocabulário Bajubá. Assim, este trabalho tem como objetivo demonstrar e compreender como ocorre o funcionamento deste vocabulário, explicitando sua relevância social e política. Esta pesquisa sustenta-se teoricamente na Análise de Discurso materialista de linha francesa. O recorte estudado parte das postagens que foram selecionadas através da barra de pesquisa do próprio *site* buscando por palavras-chave do vocabulário, tais como “mona”, “amapô” e “acué”, entre outros. A partir disso, os *tweets* selecionados foram divididos em três categorias com base em seus aspectos em comum, num esforço em explicitar o funcionamento do vocabulário. Por fim, foi possível concluir que o vocabulário Bajubá pode funcionar de diferentes formas, seja pelas possibilidades de sentidos que engendra, pelo seu caráter confidencial (em código) ou pela marcação da tomada de posição do sujeito, apresentando diferentes laços com a história, com o social e com o político.

Palavras-chave: Vocabulário. Sujeito. Bajubá. Discurso.

ABSTRACT

“INHAÍ, MONA, TÁ PASSADA?” - THE DISCURSIVE FUNCTIONING OF THE BAJUBÁ VOCABULARY THROUGH TWEETS

AUTHOR: Jaqueline Oliveira Ludtke

ADVISOR: Verli Fatima Petri da Silveira

The present study proposes an analysis of tweets (posts from the social network Twitter) in which the Bajubá vocabulary is present. Therefore, this work aims to demonstrate and understand how this vocabulary works, explaining its social and political relevance. This research is theoretically based on French materialist Discourse Analysis. The section studied is based on posts that were selected through the site's own search bar searching for vocabulary keywords, such as “mona”, “amapô” and “acué”, among others. From this, the selected tweets were divided into three categories based on their common aspects, in an effort to explain how the vocabulary works. Finally, it was possible to conclude that the Bajubá vocabulary can function in different ways, whether due to the possibilities of meaning it engenders, its confidential nature (in code) or the marking of the subject's position, presenting different ties with history, with the social and the political.

Keywords: Vocabulary. Subject. Bajuba. Speech.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. UM POUCO SOBRE O BAJUBÁ	7
3. SOBRE A ANÁLISE DE DISCURSO	10
4. O BAJUBÁ NO TWITTER	12
5. CONCLUINDO O GESTO DE ANÁLISE	19
REFERÊNCIAS	21

1. INTRODUÇÃO

O título do presente trabalho traz uma expressão do vocabulário Bajubá, “inhaí, mona, tá passada?”, que interpretamos como “e aí, garota, tá chocada?”. Tal expressão intitula este artigo porque fomos interpeladas por tal enunciado e passamos a refletir sobre ele e seus possíveis funcionamentos na língua, especialmente numa rede social que abriga sujeitos tão diversos como é o caso do Twitter. Trata-se do ponto de partida da pesquisa realizada e que apresentamos com os resultados obtidos.

O presente estudo, elaborado como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Santa Maria - RS, tem como objetivo investigar o vocabulário Bajubá através de postagens na rede social Twitter¹ para compreender seus modos de funcionamento, explicitando sua relevância social e política.

Na sociedade em que vivemos, estamos constantemente sujeitos à linguagem em suas mais diferentes formas. Seja como falantes ou como ouvintes, sempre estaremos expostos aos efeitos da comunicação e conseqüentemente, suas interpretações. Assim, a língua, objeto fundamental da interação, é responsável, juntamente com a história, por determinar os sentidos das palavras no funcionamento discursivo.

A presente pesquisa justifica-se pela necessidade de explorar diferentes falares, de compreender como produzem sentidos inicialmente no interior de uma dada comunidade e para além dela. A língua é muito rica em vocabulário, algumas palavras são mais e outras menos conhecidas, mas todas estão presentes em nossa sociedade e funcionando na produção de sentidos.

Além disso, cabe ressaltar nosso interesse pelo discurso bajubeiro, algo que surgiu durante a disciplina de Políticas da Língua², na qual tivemos a oportunidade de descobrir que algo que já era de nosso conhecimento, o vocabulário Bajubá, tinha um nome e uma história. Sempre houve o contato de nossa parte com o vocabulário por meio da internet, em especial o Twitter, logo algumas dessas palavras se tornaram parte de nossos enunciados e assim, percebemos que as

¹ Em 2023 a rede social passou a se chamar “X” ao ser vendida ao empresário Elon Musk. No entanto, pela popularidade do antigo nome e reconhecimento de seus usuários, manteremos como Twitter.

² Disciplina ministrada pelas professoras Dr.^a Larissa Cervo e Dr.^a Verli Petri, no 1º semestre de 2023.

escolhas lexicais se davam pelo sentido desse discurso. A partir disso, surgiu o nosso olhar sobre os *tweets* e uma reflexão sobre a complexidade de sentidos que um sujeito pode enunciar.

O Bajubá – ou Pajubá – é nosso objeto de estudo. Nele encontramos uma linguagem que surgiu da união de palavras de Língua Portuguesa com outras de línguas africanas, principalmente o lorubá. Tal vocabulário tem sido empregado majoritariamente pela comunidade LGBTQIAPN+ por apresentar uma espécie de “código secreto”. Também é objeto de representatividade e reconhecimento de um grupo, colocando em funcionamento um conjunto de palavras que carregam significados para muito além de um pretense propósito comunicativo. Como nos ensinou Michel Pêcheux, a língua serve para comunicar e para não comunicar (2009). Nosso interesse recai sobre este peculiar Vocabulário não somente no âmbito linguístico, mas também no social, afinal com o Bajubá “podemos observar esse funcionamento mais aberto e ao mesmo tempo tão particular ao ponto de servir de refúgio linguístico e político a um grupo que sofre discriminação social” (PETRI, 2023, p. 27).

Independentemente da língua que o falante utilize, a produção dos sentidos é determinada pelas condições de produção, colocando o linguístico em relação com a exterioridade. É pela tomada de posição do sujeito que certa linguagem funciona, já que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (ORLANDI, 2015, p. 15). Este trabalho está baseado na Análise de Discurso materialista de linha francesa e abordará principalmente os conceitos de memória, interdiscurso e formação discursiva.

Sendo assim, nossa pesquisa se subdivide em três partes, nas quais iniciaremos falando um pouco sobre o Bajubá, na sequência o que já estudamos sobre a Análise de Discurso e, por fim, nosso esforço metodológico em relacionar tais conceitos com nossas observações dos *tweets* em um gesto de análise.

2. UM POUCO SOBRE O BAJUBÁ

O Bajubá ou Pajubá é um vocabulário oriundo de uma fusão de palavras que tem como principal característica a comunicação em código. Seu falar surgiu em

terreiros de candomblé e se estendeu posteriormente até a comunidade LGBTQIAPN+ que adotou seu uso por conta de seu caráter secreto.

Seus termos e falares primordialmente foram criados para a troca de informações em formato de código entre seus falantes, mas vêm ganhando certo espaço na sociedade, principalmente no âmbito virtual. Concordamos com Petri quando ela revela que “nossa relação com o Bajubá é ainda mediada pela internet. Foi do espaço digital que tal linguajar chegou até nós, nos seduziu e encantou, pois traz uma riqueza lexical, política, simbólica e multifacetada, podendo ser língua, museu e cultura.” (2023, p. 19)

No entanto, apesar de ser falado por determinada parte da população, sua grande maioria não o conhece. Atualmente, além do funcionamento social, o Bajubá funciona como um elo de representatividade da comunidade LGBTQIAPN+, carregando consigo uma bagagem histórica, social e política. Acerca de sua origem, Camarano (2020, p. 61) afirma que:

É consenso entre os pesquisadores que o bajubá desenvolveu-se a partir da inserção na língua portuguesa de numerosas palavras provenientes de línguas africanas, especialmente do iorubá. Usadas inicialmente nos terreiros de candomblé, essas expressões foram surrupiadas por travestis de rua para formar um modo de comunicação confidencial. Posteriormente, o bajubá acabou se estendendo a grande parte do universo LGBT do Brasil.

Portanto, é fundamental compreendermos de onde surge o Bajubá para entender um pouquinho da sua história e como ele chegou até o que conhecemos hoje, afinal ele possui um grande percurso até chegar às postagens no Twitter. É durante o momento em que os povos africanos são forçados a vir para o Brasil, a partir de 1500, que começa tal história. Os africanos traficados eram separados de suas famílias e com isso acabavam formando novos grupos ao chegar em nosso país. Assim, também trouxeram consigo a religião candomblé, que acolhia diversos deuses e com isso, cativavam integrantes de diferentes tribos. Camarano (2020, p. 62) nos conta um pouco sobre isso:

Foi a partir deste arranjo que surgiu o candomblé, pois na África cada tribo cultuava uma divindade específica, cada divindade estava relacionada originalmente a uma cidade ou a um país inteiro. Cada deus representava uma característica da natureza e, ao mesmo tempo um povo, mas, com a fusão de sujeitos escravizados, aqui, criou-se um culto no qual mais de um deus pode ser cultuado ao mesmo tempo.

É por conta dessa característica de abraçar diversas divindades que o candomblé se tornou uma religião acolhedora e que recebe a todos sem distinção. Desse modo, sujeitos pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+ que sempre

sofreram grande repressão e preconceito, encontraram um lugar de acolhimento e também passaram a adotar o vocabulário Bajubá. Afinal, uma de suas características mais marcantes é sua linguagem em código para uma comunicação compreendida somente entre seus pares. Assim, ao ponto que os africanos traficados utilizavam do Bajubá para se comunicar e não expor a todos o seu discurso, a comunidade LGBTQIAPN+ utilizava do vocabulário tanto para se comunicar em código quanto para expor sua identidade bajubeira como forma de representatividade e luta contra o preconceito. Dessa forma, o Bajubá não era apenas uma forma de avisar discretamente aos seus sobre algo, mas também em outros casos de expor o discurso como um símbolo de resistência.

Além disso, o vocabulário Bajubá foi de extrema importância para essa comunidade durante o período ditatorial de nosso país. Aqueles que eram vítimas de preconceito e que sofriam com a grande repressão policial e militar, tinham um meio de se comunicar apesar da grande censura a qual eram submetidos. Tal assunto é abordado por Fernanda de Moraes da Silva³ (2022):

A Ditadura Militar, ao longo de seus 21 anos de duração, perseguiu, torturou e assassinou aproximadamente 20 mil pessoas, segundo dados da organização internacional Registro de Direitos Humanos (Human Rights Watch), incluindo integrantes da população das mulheres transexuais e travestis brasileiras e demais pessoas LGBTI, que se tornaram alvos específicos por meio de operações focadas nesse grupo. Durante este período, a censura foi uma prática recorrente na invisibilização da população das mulheres transexuais e travestis, que não podiam ser mencionadas ou mostradas em jornais e programas de TV, salvo em raras exceções (...).

A partir disso, é possível compreender ao menos uma pequena parcela do quão carregado de história este vocabulário é, e também acerca da sua importância para a comunidade LGBTQIAPN+, afinal é também pela língua que fazemos história, que se mobiliza o político e o social, “estamos diante de um vocabulário vivo, que pulsa no interior da língua portuguesa do e no Brasil. Este vocabulário tem nome e ressoa em diferentes espaços, ora guardando a memória de um grupo social, ora dando visibilidade e voz para um grupo marginalizado por tanto tempo em nossa história” (PETRI, 2023, p. 29).

³ Iyálòrìshá de candomblé da nação de Ketu, teóloga, transfeminista, negra, formada em serviço social, pós-graduada em direitos humanos e sexualidade, coordenadora nacional da CONATT, secretária executiva geral da ANTRA, coordenadora estadual do FONATRANS em São Paulo, presidenta do Instituto APHRODITTE-SP, coordenadora adjunta do Fórum Paulista LGBTI, integrante da comissão LGBTI da ALESP.

É assim que percebemos o papel da linguagem, do discurso em relação ao sujeito e ao político, não são só palavras, são elementos carregados de história, com o poder de significar muito além do que a evidência nos apresenta.

3. SOBRE A ANÁLISE DE DISCURSO

Tomando como princípio o que nos ensina Orlandi: “as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que no entanto significam em nós e para nós” (2015, p. 18), é que estabelecemos relações entre o nosso objeto de estudos, o Vocabulário Bajubá, e os pressupostos da Análise de Discurso. Partimos do princípio de que o discurso deve ser tomado como palavra em movimento e a partir deste procura-se compreender a língua fazendo sentido na história, além de considerar o sujeito em tal discursividade (Orlandi, 2015).

Michel Pêcheux, fundador da Análise de Discurso, acredita que o objeto de estudo das Ciências da Linguagem seria a Língua (PETRI, 2006, p. 188), em suas relações com a exterioridade. Para a autora, “A AD, desde o princípio, trabalhou nos limiares mais conflituosos, não interessando a ela resolver conflitos e sim interrogá-los, construindo possíveis interpretações sobre eles” (PETRI, 2006, p. 188). Verificamos que esta noção é bastante desenvolvida no Brasil como a “Análise de Discurso Brasileira”, na qual Eni Orlandi irá compreender a língua não somente como estrutura mas como acontecimento (2015, p. 17).

O vocabulário Bajubá, objeto de estudo desta pesquisa, depende fortemente de seus falantes para que faça sentido nas práticas sociais, já que compreendemos que “a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido” (ORLANDI, 2015, p. 46). Conforme Pêcheux (1990), uma sequência de enunciados é descrita linguisticamente como uma série que dá lugar à interpretação, a partir disso a possibilidade de interpretar se dá por uma relação em que há o outro na sociedade e na história, correspondente ao próprio languageiro discursivo. Nesta esteira definem-se os sentidos em acordo com as posições assumidas pelos interlocutores, de fato “não falamos de qualquer lugar, ninguém fala de um lugar qualquer; portanto, falar de uma posição-sujeito em suas

relações com uma dada teoria já faz desse dizer algo bem diferenciado” (PETRI, 2021, p. 34-35).

Para a AD, “o discurso é efeito de sentidos entre locutores, de forma que a comunicação deixa de ser vista como transmissão de informação e passa a evidenciar o sentido, ao ponto que a língua se definirá como condição de possibilidade desse discurso” (ORLANDI, 2015, p. 20). Assim, são os sujeitos que irão determinar os sentidos ressonantes no vocabulário Bajubá, de modo que sua história carregada de lutas, desafios e identidade, esteja incluída nessa formação discursiva, entendida aqui como “aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2015, p. 41), que irá nos apresentar o Bajubá como ele é, não apenas um conjunto de palavras, mas um objeto de representatividade política e social.

Como aprendemos com Orlandi (2015, p. 30), “podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico”. Logo, as postagens na rede social Twitter deixam de ser mensagens e passam a ser sentidos expostos por trazerem consigo a memória discursiva e o identitário do sujeito que os fala. Para Orlandi (2015, p. 29), a memória discursiva é tratada como “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra.” Assim, a memória tem suas próprias características em relação ao discurso e dessa forma, pode ser tratada como interdiscurso. Para a autora (2015, p. 31), “o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos.” Assim, o vocabulário não é exclusivo, seus significados se dão pela história e seus efeitos irão ressoar no discurso do sujeito.

Nosso objeto discursivo é o Vocabulário, definido em diferentes áreas do conhecimento, mas que tem um funcionamento bem específico na AD. Ao falarmos em vocabulário torna-se importante sua definição, para Petri (2021, p. 24):

[...] dizer Vocabulário em detrimento de outras possibilidades diz muito do artefato em sua constituição, pois ele não tem o compromisso de um dicionário, bem como não se realiza efetivamente como um glossário, muito embora esteja o tempo todo em relação com os modos de funcionamento destes outros dois instrumentos linguísticos.

Desse modo, o vocabulário Bajubá pode ser visto como uma expansão de sentidos que os falantes da Língua Portuguesa desfrutam, é um espaço de criatividade lexical. Nesse sentido, a língua se posiciona como base material, colocando em relação sujeitos que se inscrevem na mesma formação discursiva. Tal noção nos permite compreender o processo de produção dos sentidos e sua relação com a ideologia. Afinal, “o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas” (ORLANDI, 2015, p. 40).

Essa confidencialidade linguística é responsável por boa parte das escolhas dos sujeitos pelo vocabulário, afinal este é um dos principais aspectos pelos quais o Bajubá se tornou símbolo de representatividade da comunidade LGBTQIAPN+, por ter sido uma espécie de escape da censura, da repressão e do preconceito durante períodos como a ditadura militar. Além disso, “não é de um lugar qualquer que o vocabulário Bajubá emerge e faz sentido, pois cada palavra ou expressão ganha sentidos quando proferida, colocando em relação sujeito, língua e história” (PETRI, 2023, p. 28). Desse modo, sendo o Bajubá esse vocabulário tão rico político e historicamente, podemos imaginar um pouquinho da imensidão de sentidos que seus sujeitos podem constituir em seus discursos.

4. O BAJUBÁ NO TWITTER

Primeiramente, para melhor exemplificação faremos uma contextualização do meio de circulação escolhido para o gesto de análise. Há alguns anos as redes sociais digitais têm se tornado um modo de comunicação muito presente no cotidiano de muitas pessoas por inúmeros motivos, um deles é a praticidade e a rapidez com que as informações são trocadas. Além disso, a internet tem permitido que os usuários se expressem em seus perfis e com isso, através de um algoritmo, estes possam se conectar com aqueles que possuem gostos em comum e assim formar novas relações comunicacionais.

A rede social escolhida é o Twitter, criada em 2006 com o objetivo de ser um *miniblog* no qual seus usuários possam expressar sentimentos e pensamentos diários. Assim, o site propõe a seguinte pergunta: “O que está acontecendo?”. Dessa forma, tal questionamento incentiva os usuários a compartilharem seus assuntos de modo a criar uma espécie de diário e desabafos sobre o que quer que esteja pensando, ou no caso acontecendo.

No entanto, existe uma característica muito importante que diferencia o Twitter de um *blog*, sendo esta o limite de caracteres que podem ser digitados em um *post* ou *tweet*, como chamaremos daqui em diante. Uma postagem padrão pode ter até no máximo 280 caracteres, a não ser que o usuário pague por uma assinatura que permite que escreva textos mais longos. Isso já limita bastante o que é dito na rede social e como é dito, visto que as mensagens buscam ser o mais sucintas o possível.

A partir disso, analisaremos alguns *tweets* nos quais há a ocorrência de palavras do vocabulário bajubeiro. Como o Twitter é uma rede social muito ampla, não é possível que se investigue acerca de cada perfil analisado para saber se a postagem é feita por um usuário que se considera de determinada comunidade ou não, portanto nosso foco se dará apenas no enunciado e como o sujeito emprega a linguagem, sem se ater a sua religião, sexualidade ou pertencimento a algum grupo. A seleção foi realizada pela ferramenta de pesquisa do próprio site que permite que sejam aplicados alguns filtros de busca, como localidade, data, idioma e até por palavra ou frase específica. Em nosso caso, selecionamos apenas a busca por palavras, sem levar em consideração demais aspectos. Diversas palavras foram buscadas no site, porém as escolhidas foram amapô, mona, bafão, acué, equê, picumã e alibã por terem certa frequência entre os usuários falantes de Bajubá na rede e assim apresentar uma quantidade maior de *tweets* para escolha. Em seguida, foram selecionados aqueles *tweets* com maior relevância na plataforma, ou seja, com mais curtidas ou alcance entre os usuários por serem postagens que tiveram alguma circulação na rede.

Após a construção do *corpus*, foi possível perceber algumas características semelhantes entre algumas postagens, então as dividimos em três categorias: 1) funcionamento do vocabulário pela tomada de posição do sujeito e sua relação com a representatividade; 2) funcionamento do vocabulário pelo efeito de sentido que o sujeito mobiliza; e 3) funcionamento do vocabulário pelo caráter de código. Sendo assim, explicitaremos cada uma delas a partir da apresentação de alguns recortes de postagens constituintes do nosso *corpus* de estudo:

1) Funcionamento do vocabulário pela tomada de posição do sujeito e sua relação com a representatividade

Figura 1: Amapô e a película⁴

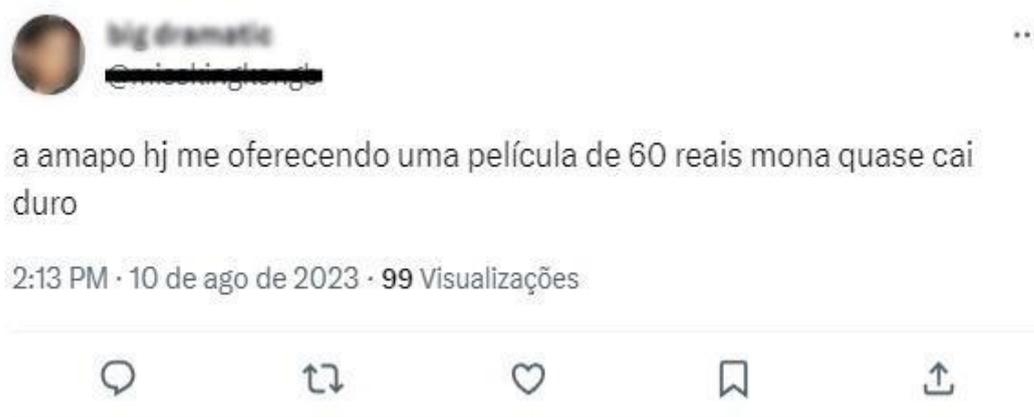
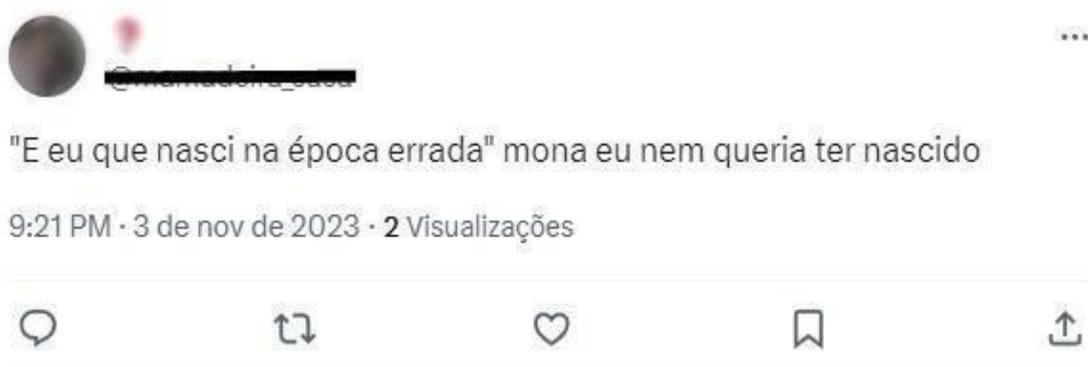


Figura 2: Mona eu nem queria ter nascido



Segundo o Dicionário Popular⁵, a palavra “mona” tem o significado de mulher ou homossexual afeminado e a palavra “amapô” significa apenas mulher. Nos *tweets* acima, caso essas palavras fossem substituídas por “mulher”, não haveria um deslocamento de sentido significativo no enunciado, visto que tais palavras participam de um mesmo núcleo significativo, podendo ser consideradas

⁴ Todos os *tweets* mencionados neste trabalho foram retirados do site twitter.com, mas para manter o anonimato dos autores, considerando que sua identidade não afeta nossa pesquisa, não serão referenciados links diretos para as postagens ou o nome dos usuários.

⁵ As palavras do vocabulário Bajubá citadas neste artigo não constam dos dicionários integrais de língua, assim optamos por trazer o Dicionário Popular que é um dicionário online, disponível em <https://www.dicionariopopular.com/pajuba-principais-gurias-lgbt/>, cujo conteúdo atendeu nossas necessidades.

possíveis sinônimos. No entanto, podemos perceber que a escolha pelo vocabulário Bajubá se dá pela tomada de posição do sujeito e com isso, pelo conceito da memória discursiva é possível observar que quando o usuário da rede diz “mona quase caí duro” ou “mona eu nem queria ter nascido”, sabemos que seu discurso não é direcionado a alguém, mas que a palavra “mona” recebe o papel de aposto, chamando a atenção do interlocutor. Trata-se de um “modo de falar”, algo da oralidade que vai comparecer nas redes sociais escritas digitais, e que, ao ser colocado no contexto do Twitter e dos demais usuários que também pertencem ao grupo de falantes do Bajubá, tal expressão ganha sentido e faz sentido entre os seus.

No Twitter, as postagens são feitas como em uma espécie de fórum, como se fosse um diário compartilhado, no qual seus usuários compartilham o que desejarem, acontecimentos do dia, desabaços, comentários sobre algum assunto em alta, e por aí vai. Não há bem uma temática determinada e as postagens, desde que o usuário mantenha seu perfil aberto, podem ser vistas por todos que utilizam o site. Dessa forma, na figura 1 quando o sujeito diz “a amapô”, está se referindo a uma mulher que lhe ofereceu a película, já quando diz “mona quase caí duro”, ele não está necessariamente se referindo a alguém.

Logo, a palavra “amapô” aparece fazendo sentido por apresentar parte desse caráter secreto do vocabulário Bajubá, mas faz sentido efetivamente somente para aqueles que compreendem seu significado. Assim, quando o usuário faz um *tweet* usando tal palavra, ele cativa para si demais usuários que também reconheçam seu vocabulário e que possivelmente terão coisas em comum, como uma questão representativa, por exemplo, funcionando assim como uma espécie de filtro social. Com isso, torna-se evidente para nós que os sujeitos que estão produzindo discurso nas redes sociais estão em busca de seus “pares”, daqueles com que é possível compartilhar sentidos.

O vocabulário funciona mobilizando o social e o político, aproximando sujeitos e produzindo sentidos para aqueles que se inscrevem numa dada formação discursiva. Mesmo que o Twitter não esteja num cenário como a ditadura militar, ainda há muito preconceito nas redes e o fato de diferentes sujeitos constituírem um mesmo vocabulário apresenta um sinal de luta e resistência, por mais discreto que seja, fortalecendo cada vez mais a representatividade da comunidade LGBTQIAPN+.

Assim, identificamos elementos que nos levam a indicar que a formação discursiva em voga é plena em furos e a partir destes “vazamentos” o conceito de mona não diz mais respeito somente a figura de mulher ou de homossexual afeminado e sim de pessoa, possível interlocutor, pois a palavra passa a ser frequentemente usada no vocabulário Bajubá como uma forma de expressão.

2) Funcionamento do vocabulário pelo efeito de sentido que o sujeito mobiliza

Figura 3: Bafão na vida de uma arara

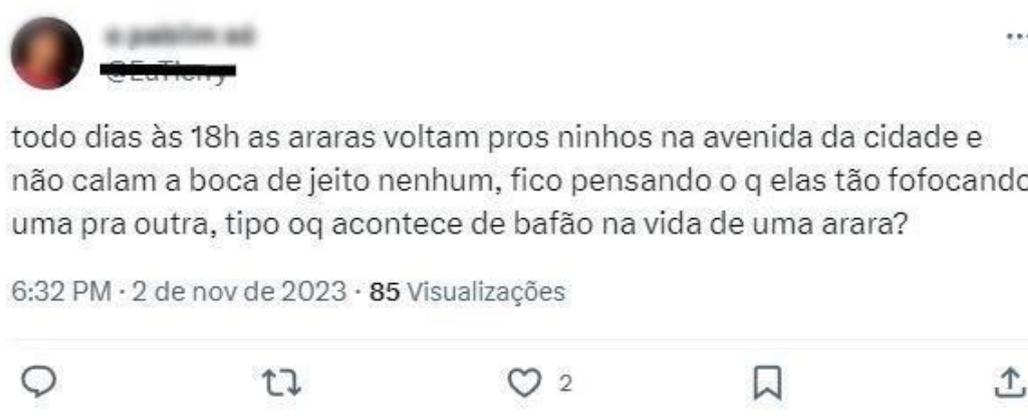


Figura 4: Bafão de famoso



Na segunda categoria estabelecida, podemos ver em funcionamento a palavra “bafão”, que de acordo com o Dicionário Popular significa alguma forma de

confusão, que é muito usada na rede social para falar de uma fofoca muito impactante ou um acontecimento que “bombou” na internet. Se fôssemos substituir “bafão” por um possível sinônimo poderíamos dizer “fofoca”, porém o efeito de sentido do enunciado não seria o mesmo. Por mais semelhante que pareça, quando o sujeito escolhe dizer “bafão” ele mobiliza um sentido diferente, marcando sua filiação a um dado grupo social e não outro. Um bafão traz todo um contexto sócio-histórico que mesmo que “desconhecido” pelo sujeito, irá produzir sentidos que a palavra fofoca não pode alcançar.

Assim, mesmo que ambos os termos remetam a algo parecido, é devido a memória discursiva que sabemos que ao dizer bafão, o sujeito está se referindo a algo muito forte e que ao dizer fofoca, pode ser apenas uma novidade. Segundo Orlandi (2015, p. 30), “o fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia.”

Desse modo, pode-se perceber neste caso que a escolha do sujeito pelo vocabulário Bajubá ocorre pelo seu sentido e não apenas por uma questão representativa, diferente dos *tweets* da primeira categoria. Afinal, o sentido constitutivo do vocabulário Bajubá carrega consigo um interdiscurso que vem de muito antes das redes sociais e que permite que sua significação seja carregada de uma memória pela qual o sujeito é atingido, seja este conhecedor do vocabulário ou não.

3) Funcionamento do vocabulário pelo caráter de código

Figura 5: Nhaí, amapô!



Figura 6: As luzinhas do alibam



Uma das principais características do Bajubá é seu caráter de código, no qual muitas de suas palavras são desconhecidas por aqueles que não falam o vocabulário. Assim, nesta categoria temos os *tweets* que, se lidos por alguém que não conheça o Bajubá, não produzirão sentido. Desse modo, demonstra-se a importância de o sujeito estar incluso em certa formação discursiva, para que este esteja inserido no processo de constituição do sentido.

Na figura 5, apresentam-se as palavras “nhaí”, “amapô”, “acué”, “equê” e “picumã”. Segundo o Dicionário Popular e o Pequeno Vocabulário Pajubá Palmense⁶ significam, respectivamente: oi, mulher, dinheiro, mentira e cabelo; além da expressão “fazer a loka” que seria o equivalente a se fazer de doida, fingir que não aconteceu. Desse modo, o enunciado ficaria assim: “Oi, mulher! Não se faça de doida e pague meu dinheiro, deixe de mentira se não eu puxo teu cabelo!” Logo, para quem não conhece o vocabulário, por mais simples que seja o sentido do enunciado, não irá compreender o que está sendo dito. Desse modo, o sujeito seleciona quem terá acesso ao seu discurso. Tal frase ficou muito em alta na rede social no ano de 2018, por ter sido tema de uma questão do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), o que fez com que muitos usuários ficassem confusos quanto ao seu sentido.

⁶ Trazemos também como suporte o Pequeno Vocabulário Pajubá Palmense, disponível em <https://editorascienza.com.br/ebook/pajuba.pdf>, por apresentar diferentes verbetes que estavam ausentes em nossa outra fonte de pesquisa.

Já na figura 6, aparece a palavra “alibam” que segundo o Dicionário Popular é utilizada para identificar “polícia”. Ao ler a postagem, o Bajubá aparece novamente como um código, no qual somente alguns sujeitos irão fazer parte desse sentido. Isso serve justamente para esconder certas informações entre os usuários da rede, de modo que quem pertence ao vocabulário poderá se comunicar sem falar abertamente a todos, visto que o Twitter é uma rede social pública e de livre acesso. É desse modo que uma das principais características do Bajubá, o código, funciona entre os sujeitos, pois por mais que o discurso seja interpretado por alguém desconhecido pelo sujeito falante, este aspecto os aproximará, selecionando quem pode e quem não pode, o dito e o não-dito.

Assim, percebe-se que o vocabulário Bajubá permite que o sujeito mobilize sentidos em seu discurso que vão além do propósito comunicativo da língua e que apresentem em seu contexto, um pouco da história de determinada comunidade, remetendo seu passado e prolongando seu futuro, afinal a fala também é um ato político e é pela linguagem que podemos nos posicionar em relação ao que ocorre no mundo.

5. CONCLUINDO O GESTO DE ANÁLISE

Por meio desse gesto de análise, observamos como o vocabulário Bajubá funciona de diferentes modos na rede social Twitter. Seja pelo seu sentido, pelo seu caráter em código ou pela tomada de posição do sujeito, o funcionamento do vocabulário Bajubá demonstra um laço muito forte com a história, a ideologia e o lugar político do sujeito no mundo. Falar Bajubá não é apenas expressar uma ideia, é apresentar um sentido. No caso do Twitter, escrever com palavras advindas do Bajubá é também ampliar seu espaço de funcionamento, pois é possível atribuir sentidos à maioria das palavras sem ter que conhecer um código secreto gestado como tal entre os séculos XIX e XX.

Com isso, quando um sujeito diz que determinado fato é um “bafão”, que semana passada viu uma “amapô” ou que o fim do mês está difícil porque o “acué” está curto, este sujeito está fazendo parte do discurso bajubeiro. E a partir disso, move diversos sentidos que circulam no vocabulário desde sua origem, possuindo conhecimento deste fato ou não. A língua está viva, as palavras em circulação, os sujeitos sempre produzindo sentidos.

Compreender a fala bajubeira por diferentes sujeitos é assumir que seu uso pode surgir dos mais distintos contextos sociais e históricos, logo tal comportamento é responsável por disseminar cada vez mais a cultura LGBTQIAPN+ e trazer mais poder e representatividade a este grupo.

Em concordância com Orlandi, “o discurso é um processo em curso. Ele não é um conjunto de textos, mas uma prática. É nesse sentido que consideramos o discurso no conjunto das práticas que constituem a sociedade na história, com a diferença de que a prática discursiva se especifica por ser uma prática simbólica” (ORLANDI, 2015, p. 69). Assim, o Bajubá significa, apresentando ideais complexos e ao mesmo tempo simples, se tornando objeto de representatividade de uma comunidade, provando a nós que a língua é muito mais do que uma ferramenta da comunicação.

Por fim, cabe dizer que quando intitulamos este trabalho como “inhaí, mona, tá passada?”, estamos assumindo uma posição, propondo um enfoque que valorize o funcionamento do vocabulário Bajubá. Para nós, este estudo demonstrou que há diferentes modos de produzir sentidos neste discurso, sendo que todos eles podem produzir efeitos de sentido naqueles que o reconhecem, mas também provocar a curiosidade dos que não o conhecem ainda. Assim como fomos interpeladas, desejamos que mais estudiosos observem o funcionamento do Bajubá e sua franca expansão na atualidade.

REFERÊNCIAS

CAMARANO, Pedro A. **Arqueogenealogia bajubeira**: uma análise de práticas de poder e resistência. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem: Catalão, 2020. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/10677/3/Dissertação%20-%20Pedro%20Anácio%20Camarano%20-%202020.pdf>

DICIONÁRIO POPULAR. **Pajubá**: as principais gírias LGBTQIA+. Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/pajuba-principais-girias-lgbt/>. Acesso em: 26 out. 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12ª ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4ª ed. Tradução: Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp.

PETRI, Verli. **Algumas reflexões sobre o “vocabulário da pandemia do novo coronavírus”**: projeto em curso e discurso. *In*: PETRI, Verli (org.). Ditos e Não-Ditos: discursos da, na e sobre a pandemia. 1ª ed. Campinas: Pontes, 2021. p. 21-46.

PETRI, Verli. **Algumas reflexões sobre o pajubá/bajubá**: de linguajar popular a museu. *In*: VENTURINI, Maria Cleci; LACHOVSKI, Marilda (orgs.). Museus, memoriais e arquivos: a língua na história. 1ª ed. Campinas: Pontes, p. 18-33, 2023.

PETRI, Verli. **O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da análise do discurso**. *In*: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane (orgs.). Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise. Santa Maria: UFSM, p. 37-48, 2013.

PETRI, Verli. **Michel Pêcheux e a teoria do discurso nos anos 60**. *Expressão - Revista do Centro de Artes e Letras*. Santa Maria: UFSM, p. 187-192, 2006.

RODRIGUES, Paulo; ANDRADE, Karylleila. **Pequeno Vocabulário Pajubá Palmense**. São Carlos: Editora Scienza, 2023.